

Revista **1ª EVOLUÇÃO**



Brasil - Angola



INSPIRAÇÃO E DEDICAÇÃO
O Legado dos Professores e Professoras



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.61>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaufort
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I. Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 61 (out. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 268 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI: <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.61>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternaivo.com.br
CNPJ: 28.657. 494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

10 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ENTRE O DISCURSO, A LOUSA E A SUBSTITUIÇÃO DO VERDE PELO CINZA

Mirella Clerici

12 Entre linhas e lousas

Bianca de Assis Pirahy e Leticia Nascimento de Oliveira

14 POIESIS

ARTIGOS

1. ESTRATÉGIA DO GESTOR NA MELHORIA DA PRESTAÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE CACUACO	17
Adão Pacheco Valentim	
2. A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE	22
Adriana Pereira Santos da Silva	
3. CRIANÇAS COM TEA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO	27
Ana Maria Dainauskas Soares	
4. GESTÃO ESTRATÉGICA DO SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL NA MINERAÇÃO DA SOCIEDADE MINEIRA DE CATOCA-LUNDA-SUL, ANGOLA	32
Ana Paula Martins de Sousa	
5. A RECUSA DA FAMÍLIA NA DESCOBERTA DO LAUDO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA	41
Angélica Rodrigues Valentin	
6. INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NA PRODUTIVIDADE DOS TRABALHADORES NA ORGANIZAÇÃO. ESTUDO DE CASO DA ESCOLA DO ENSINO PRIMÁRIO Nº295 DO BAIRRO CANDOMBE-VELHO, MUNICÍPIO DO UÍGE, NO ANO DE 2023/2024	49
Antônio Paulo Panzo	
7. DOCÊNCIA E RACISMO ESTRUCTURAL: A EXPERIÊNCIA AUTOETNOGRÁFICA E INTERSECCIONAL DA PROFESSORA NEGRA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	60
Bianca de Assis Pirahy	
8. MONOPARENTALIDADE E SUA INCIDÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS FILHOS: CASO DAS FAMÍLIAS DO BAIRRO CAPALANGA	64
Celso Suzana/Dorivaldo da Graça Guedes Tavares	
9. A PANDEMIA E A SALA DE AULA: TRANSFORMAÇÕES, DESAFIOS E INOVAÇÕES	72
Claudinei Martins de Almeida	
10. O LEGADO DO LÍDER NAS ORGANIZAÇÕES	81
Edson da Conceição Graça	
11. NOVOS USOS E SIGNIFICADOS NO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTOS DIGITAIS	89
Eduardo Samogy Gloria	
12. ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO POR MEIO DA RELEITURA	95
Elaine Santos do Nascimento	
13. A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PREVENÇÃO DA OSTEOPENIA	102
Elineide Maria dos Santos	
14. PERSPECTIVAS SOBRE O USO DE MATERIAIS MANIPULÁVEIS NA ESCOLA PRIMÁRIA "RAINHA NZINGA MBANDI" EM NDALATANDO, CUANZA NORTE, ANGOLA	111
Elsa Jaime Parente Agostinho/Elisabete Filipe Campos	
15. ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DE PESSOAS COMO INDICADOR DE GARANTIA DE VANTAGENS COMPETITIVAS NAS ORGANIZAÇÕES. ESTUDO DE CASO DO HOSPITAL GERAL DE LUANDA, 2023-2024	116
Filomena Cassinda Loló	
16. AS LEIS E OS REFORÇOS DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR	122
Fortuna Neto Figueiredo Vitangui	
17. REGISTRO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FERRAMENTA DE REFLEXÃO, PLANEJAMENTO E COMPREENSÃO DA INFÂNCIA	136
Girleene Nascimento da Silva Mantovan	
18. A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA PEDAGÓGICA NA GESTÃO ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	143
Ingrid da Silva Cavalcante de Paula	
19. OLHA O QUE HÁ DO OUTRO LADO DA TELINHA... A PRIMEIRA INFÂNCIA E AS ANIMAÇÕES À LUZ DE PIAGET	150
Isac dos Santos Pereira	
20. O RESGATE DO LÚDICO: BRINCADEIRAS TRADICIONAIS COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL	160
Joice de Andrade Silva	
21. O DIREITO E A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE	166
Josefa Bezerra de Meneses	
22. A MÚSICA CLÁSSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, EMOCIONAL E SOCIAL	176
Leandro de Almeida Oliveira	
23. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	182
Luciane de Jesus Mineiro de Lima	
24. IMPACTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE LIDERANÇA NAS EMPRESAS. CASO PARTICULAR DO COLÉGIO 11 DE NOVEMBRO, MUNICÍPIO DO UÍGE, 2023-2024	188
Luísa Vunge Panzo	
25. AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO COMO FERRAMENTA DA GESTÃO ESTRATÉGICA NAS ORGANIZAÇÕES: ESTUDO DE CASO DO LICEU N.º 30 EIFFEL DE CAZENGO, PROVÍNCIA DO CUANZA-NORTE	195
Marcelina dos Anjos Gaspar	
26. TRABALHOS COLABORATIVOS DE AUTORIA E PENSAMENTO CRÍTICO: UMA EXPERIÊNCIA COM O CRIATIVOS DA ESCOLA	204
Marcelo Cunha	
27. A IMPORTÂNCIA DA MUSICALIDADE AFRICANA PARA A CULTURA BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	214
Maria Aparecida Armandilha Nunes	
28. IMPACTO DA GESTÃO DE CARREIRA EM TEMPOS DE MUDANÇA ORGANIZACIONAL: CASO DE ESTUDO: CAMINHO DE FERRO DE LUANDA-EP, NO PERÍODO DE 2023-2024	221
Maria Benigna dos Paxe	
29. CONTRIBUTO DO GESTOR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DOS COLABORADORES DA EMPRESA NOVA CIMANGOLA LUANDA, SA	230
Raimundo Kumbo Gomes	
30. DESENVOLVENDO O PENSAMENTO MATEMÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA TEORIA À PRÁTICA LÚDICA	238
Rosemeire Santos de Deus Lopes	
31. AVANÇOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA ÁREA DA ALFABETIZAÇÃO	244
Renata da Costa Braz	
32. POLÍTICAS DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO COMO FACTOR DE DESENVOLVIMENTO DAS EMPRESAS (CASO A EMPRESA UNITEL NO MUNICÍPIO DE NEGAGE - UÍGE)	254
Sebastião Mpasi Ngombo	
33. IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS	261
Tânia Maria Pereira Castro	

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



DOCÊNCIA E RACISMO ESTRUTURAL: A EXPERIÊNCIA AUTOETNOGRÁFICA E INTERSECCIONAL DA PROFESSORA NEGRA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

BIANCA DE ASSIS PIRAHY¹

RESUMO

Este artigo adota a autoetnografia como método de investigação crítica para analisar a persistência do racismo estrutural no contexto educacional brasileiro, com foco na experiência da mulher negra na docência. Articulando minhas vivências pessoais com o referencial teórico de autoras negras como Bell Hooks (1994), Lélia Gonzalez (1988), Neusa Santos Souza (1983) e Bárbara Carine (2021), o estudo busca compreender como a invisibilidade, a solidão institucional e os estereótipos raciais impactam nossa trajetória profissional e bem-estar. A análise revela que a docência negra é um ato contínuo de resistência, que exige a desmontagem diária de estruturas de privilégio. Conclui-se que a superação do racismo na educação exige não apenas políticas de equidade, mas o reconhecimento das experiências das professoras negras como saberes legítimos e a adoção de uma Pedagogia do Cuidado Radical – onde ensinar, para nós, é um ato de coragem, de amor e de afirmação da vida.

Palavras-chave: Antirracismo; Educação; Mulher Negra; Racismo Estrutural.

INTRODUÇÃO

Desde o período colonial, a escola brasileira tem sido um espaço de contradições: instrumento de dominação e, ao mesmo tempo, terreno fértil para a resistência. A educação carrega as marcas de um passado escravocrata e colonial que estruturou desigualdades raciais e sociais ainda presentes nas instituições escolares.

Nesse contexto, a mulher negra ocupa um lugar paradoxal: é pilar da escola pública, mas segue enfrentando estigmas que desvalorizam sua competência, aparência e trajetória. Sua

presença rompe barreiras históricas, mas também revela as tensões produzidas por um sistema que ainda privilegia corpos e saberes brancos.

Partindo dessa realidade, este artigo busca discutir os impactos do racismo estrutural sobre a docência exercida por mulheres negras. A análise, de natureza autoetnográfica, posiciona minhas vivências como professora e mulher negra não como meros exemplos, mas como evidências concretas de um fenômeno estrutural. Apoio-me nas vozes fundamentais de

¹ Licenciada em Letras e estudante de Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Ativista pela educação de qualidade por intermédio da EDUCAFRO, atuando na promoção da inclusão de jovens negros em universidades públicas. Professora da rede pública do Estado de São Paulo e da rede privada de ensino, pesquisadora na área de Educação e Relações Étnico-Raciais, colonista e revisora da Revista Primeira Evolução. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com experiência em estágios supervisionados em escolas públicas de educação básica, desenvolvendo atividades pedagógicas voltadas à formação docente e à prática inclusiva.

autoras negras que tratam das intersecções entre gênero, raça e educação, com o objetivo de contribuir para a construção de uma prática pedagógica verdadeiramente crítica, libertadora e antirracista..

O RACISMO ESTRUTURAL E A DOCÊNCIA NEGRA

O racismo estrutural constitui um sistema de poder que organiza e naturaliza desigualdades com base na cor da pele, refletindo-se nas instituições, nas relações sociais e nas práticas educativas (ALMEIDA, 2019). Na escola, esse fenômeno se manifesta tanto de forma explícita — por meio de ofensas, exclusões e julgamentos — quanto de modo velado, pela ausência de representatividade e pela desvalorização das experiências negras.

A baixa presença de professoras negras em cargos de gestão escolar é um retrato dessa estrutura. Como afirma Gomes (2017), essa exclusão não se deve à falta de qualificação, mas à lógica racista que ainda associa autoridade e saber à branquitude. Essa associação perversa legitima o questionamento constante da competência das mulheres negras, que precisam reafirmar diariamente sua legitimidade e capacidade profissional.

Um exemplo recorrente da desigualdade na percepção da autoridade é a diferença na interpretação do comportamento entre professoras negras e brancas. Quando uma docente negra se posiciona com firmeza, organiza a turma ou aplica regras, muitas vezes é percebida como “agressiva”, “brava” ou “severa demais”. Em contraste, uma professora branca que age da mesma forma costuma ser vista como “forte”, “resiliente” ou “decidida”. Essa dupla percepção não se baseia no comportamento em si, mas nos estereótipos raciais internalizados que associam a autoridade à branquitude e a assertividade negra à agressividade.

Em minha experiência, situações como essa aparecem cotidianamente: durante uma aula, ao repreender alunos que conversavam fora de hora, ouvi comentários de colegas e

estudantes sugerindo que eu era “brava demais”, enquanto um professor branco aplicando a mesma medida era elogiado pela postura firme. Esse fenômeno reforça a necessidade de políticas e formações que reconheçam essas desigualdades simbólicas, pois o impacto vai além da percepção: ele influencia a valorização profissional, o acesso a cargos de liderança e o reconhecimento do trabalho docente negro.

Outro exemplo é a sobrecarga emocional e pedagógica. Frequentemente, a professora negra é convocada a lidar com alunos considerados “problemáticos” ou a mediar conflitos envolvendo estudantes negros, como se fosse sua responsabilidade exclusiva. Em uma reunião pedagógica, percebi que minhas sugestões para um projeto que valorizava a cultura afro-brasileira foram minimizadas por coordenadores, enquanto propostas semelhantes de colegas brancos receberam aprovação imediata. Essa experiência reforça a invisibilidade institucional e a necessidade de reafirmação constante da legitimidade da docente negra.

O racismo estrutural também se manifesta no currículo e na representatividade. Em diversas escolas, livros didáticos e materiais pedagógicos raramente apresentam personagens ou autores negros, e conteúdos sobre história afro-brasileira são tratados de forma superficial. Em uma aula de literatura, precisei inserir exemplos de escritores negros contemporâneos para que os estudantes pudessem se reconhecer e se engajar na discussão.

As interações com as famílias também podem ser atravessadas por preconceito. Em um caso, fui questionada por responsáveis de alunos sobre minha capacidade de ensinar determinada disciplina, com base apenas na minha aparência. Situações assim demonstram que o racismo institucional não é apenas interno à escola; ele se reflete em expectativas sociais que limitam a autoridade da professora negra.

Esses exemplos mostram que a docência negra não é apenas sobre transmitir

conhecimento: é também resistir a um sistema que deslegitima nossa presença, atuar como referência positiva para os estudantes e transformar ambientes historicamente excludentes. Compreender essas experiências concretas é essencial para pensar políticas educacionais e práticas pedagógicas capazes de romper com o racismo estrutural e construir uma educação antirracista.

A INVISIBILIDADE E A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO

A solidão da professora negra não é apenas um sentimento individual; ela é produto de uma estrutura que insiste em nos isolar. Em escolas particulares majoritariamente brancas, nossa presença é frequentemente vista como exceção, e não como expressão legítima da diversidade brasileira. Muitas vezes, somos as únicas a propor práticas pedagógicas antirracistas ou projetos voltados à valorização da cultura negra — e essas ideias não são levadas adiante. Isso reforça a sensação de isolamento e a dificuldade de transformar efetivamente o ambiente escolar. (CARINE, 2021; GOMES, 2017)

Segundo Neusa Santos Souza (1983), o processo de “tornar-se negro” envolve enfrentar mecanismos de negação da identidade e de inferiorização social. No ambiente escolar, isso se manifesta de diversas formas: o apagamento das nossas falas em reuniões, a desconsideração de nossas propostas pedagógicas e a expectativa de sermos sempre fortes, sem direito à vulnerabilidade.

Ser a única a conversar com alunos negros sobre a importância de se orgulharem de seus cabelos, sobre o valor da educação ou sobre trajetórias históricas que se conectam às suas próprias vidas é, ao mesmo tempo, gratificante e solitário. A responsabilidade de ser referência, educar pelo exemplo e inspirar representatividade recai quase exclusivamente sobre nós.

A invisibilidade se manifesta também na forma como somos percebidas pela comunidade escolar. Ao vestir roupas que celebram a cultura africana, podemos ser alvo de olhares críticos,

comentários e comparações que reduzem nossa identidade a estereótipos — como ser comparada à Globeleza de forma depreciativa, reforçando uma caricatura da negritude. Essa constante vigilância e avaliação estética e comportamental é uma forma de violência simbólica que atravessa o corpo e a mente da docente negra.

A escola, como reflexo da sociedade, também reproduz as lógicas de exclusão em seus materiais e currículos. A ausência de representações positivas nos livros didáticos e a escassez de referências culturais afro-brasileiras reforçam a ideia de que a negritude é periférica ou marginalizada. Como afirma Gomes (2003), uma educação que não reconhece a pluralidade racial de seu corpo docente e discente perpetua um currículo monocultural, eurocentrado e excludente.

Essa solidão, que se mistura com invisibilidade institucional e pressão emocional, não é individual: é estrutural. Ela denuncia a urgência de políticas educacionais comprometidas com a equidade racial, capazes de garantir às professoras negras espaços de pertencimento, escuta e valorização de suas trajetórias, bem como a implementação efetiva de práticas pedagógicas que reconheçam e celebrem a diversidade.

CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Construir uma educação antirracista é tarefa coletiva e contínua. Significa enfrentar as estruturas de exclusão que sustentam o racismo nas práticas escolares, nos currículos e nas formações docentes. Para Gomes (2017), o compromisso com a diversidade racial deve atravessar todas as dimensões do fazer pedagógico.

A implementação efetiva da Lei nº 10.639/2003 é um passo essencial nessa direção. No entanto, para que ela não se reduza a uma exigência burocrática, é necessário que os educadores sejam formados a partir de uma perspectiva crítica das relações étnico-raciais.

Isso exige que a formação docente dialogue com a realidade da escola pública e com as experiências de quem a vive cotidianamente.

A presença de mulheres negras em sala de aula é, por si só, uma forma de resistência. Nossas trajetórias inspiram e ressignificam a ideia de autoridade e saber. Quando uma aluna negra se reconhece na professora que está à sua frente, o que se rompe não é apenas o silêncio histórico — é também a lógica de inferiorização que nos foi imposta. Como defende Bárbara Carine (2021), não basta incluir: é preciso transformar. A escola antirracista precisa implosir suas próprias estruturas de privilégio.

Ser professora negra é, portanto, um ato político. Cada aula ministrada é uma afirmação de existência, um gesto de reescrita da história e um convite à reflexão crítica sobre o mundo. É a materialização daquilo que proponho chamar de Pedagogia do Cuidado Radical: um compromisso com a vida e a liberdade de nossos estudantes, que se constrói não à parte da resistência, mas como seu fruto mais urgente e bonito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo evidencia que o racismo estrutural ainda permeia as relações escolares, impactando diretamente a atuação e a subjetividade das mulheres negras na docência. A solidão, a invisibilidade e o questionamento constante de nossa competência refletem uma sociedade que não superou as bases discriminatórias que a constituíram.

Apesar disso, as educadoras negras resistem — e essa resistência é profundamente transformadora. Em cada sala de aula, elas constroem práticas pedagógicas que afirmam identidades, fortalecem vínculos e reconfiguram o espaço escolar como lugar de potência e liberdade.

Promover uma educação antirracista é, mais do que um compromisso ético, é uma necessidade estrutural. Implica investir na formação continuada dos docentes, garantir

políticas de equidade racial e reconhecer o valor das vozes negras na construção do conhecimento.

Ao reconhecer nossa presença na escola, não pedimos permissão para existir. Reafirmamos que ensinar, para nós, é também uma forma de resistir — e resistir é o modo mais bonito de permanecer viva e transformar o mundo ao nosso redor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.
- CARINE, Bárbara. Pedagogia das encruzilhadas. Salvador: EDUFBA, 2021.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/UNESCO, 2003.
- GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Cadernos de Formação, n. 3, 1988.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.61>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adão Pacheco Valentim

Adriana Pereira Santos da Silva

Ana Maria Dainauskas Soares

Ana Paula Martins de Sousa

Angélica Rodrigues Valentim

António Paulo Panzo

Bianca de Assis Pirahy

Celso Suzana e

Dorivaldo da Graça Guedes Tavares

Claudinei Martins de Almeida

Edson da Conceição Graça

Eduardo Samogy Gloria

Elaine Santos do Nascimento

Elineide Maria dos Santos

Elsa Jaime Parente Agostinho e

Elisabete Filipe Campos

Filomena Cassinda Loló

Fortuna Neto Figueiredo Vitangui

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Ingrid da Silva Cavalcante de Paula

Isac dos Santos Pereira

Joice de Andrade Silva

Josefa Bezerra de Meneses

Leandro de Almeida Oliveira

Luciane de Jesus Mineiro de Lima

Luísa Vunge Panzo

Maria Benigna dos Paxe

Marcelina dos Anjos Gaspar

Marcelo Cunha

Maria Aparecida Armandilha Nunes

Raimundo Kumbo Gomes

Renata da Costa Braz

Rosemeire Santos de Deus Lopes

Sebastião Mpasi Ngombo

Tânia Maria Pereira Castro

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

